



ENTREVISTA - PROF. DR. JOÃO LUÍS LISBOA

ENTREVISTA REALIZADA POR E-MAIL

06 DE JUNHO DE 2018

O Professor João Luís Lisboa é professor catedrático de História e Teoria das Ideias no Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Deu aulas também em Itália e no Brasil. De 2004 a 2014 dirigiu o Centro de História da Cultura da UNL onde coordenou o grupo "Livro e leitura". Atualmente, coordena o grupo "Leitura e formas da escrita" e a linha de investigação "Teoria e Metodologia" no CHAM – Centro de Humanidades, FCSH, UNL. Tem-se dedicado essencialmente a problemas de cultura no Portugal moderno e a questões de conhecimento e metodologia na história e teoria das ideias. Foi director do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. Com referência específica ao humor publicou: "Read, watch and laugh (with 18th century humorous books)";¹ "O *Anatômico* entre os papéis jocosos setecentistas";² e "«Tanta virtude...» em papéis correndo. (Persistência e poder do manuscrito no Antigo Regime)".³ Sua trajetória, preocupações e temas que permeiam essa produção podem ser conferidos na entrevista abaixo:

COMO SURTIU SEU INTERESSE PELO ESTUDO ACADÊMICO DO HUMOR? CONTE SUA TRAJETÓRIA DE PESQUISA NO TEMA, OS RECORTES PREFERENCIAIS E QUESTÕES QUE O INSTIGAM.

O meu interesse pelos textos humorísticos surge dos estudos que fui fazendo sobre a circulação de textos curtos, impressos e manuscritos, ao longo do século XVIII

¹ Read, watch and laugh (with 18th century humorous books). In: FERRÃO Leonor; BERNARDO Luís M. (eds.) **Views on Eighteenth Century Culture: Design, Books and Ideas**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015, pp.346-357;

² O *Anatômico* entre os papéis jocosos setecentistas. In: LUSTROSA Isabel (ed.). **Imprensa, Humor e Caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp.391-406.

³ «Tanta virtude...» em papéis correndo. (Persistência e poder do manuscrito no Antigo Regime). In: ABREU Márcia; SCHAPOCHNIK Nelson (orgs) **Cultura letrada no Brasil: objetos e praticas**. Campinas: Mercado de Letras e ALB. São Paulo:FAPESP, 2005, pp. 277-291.

em Portugal, textos que reflectiam tempos rápidos e comunicação de maior proximidade com os leitores. O humor foi, assim, um objecto complementar de pesquisas que procuravam entender o sentido e a amplitude do que circulava, para além dos livros. Também correspondia ao problema, que sempre me ocupou, da relação entre a comunicação oral e a circulação escrita. O humor preenche completamente esse espaço pois, em grande medida, o que circulou, sobretudo em forma manuscrita, captava e reproduzia o que existia de modo mais fugaz, mas recorrente, na comunicação oral.

Partindo de textos "sérios", como os sermões e as notícias, entrei na multidão de textos "críticos", a maior parte em forma dialogada, muitos reproduzindo modelos dramáticos curtos, como entremezes, mas também muitos versos, onde o elemento forte é a comicidade potencial das situações e das personagens apresentadas. De início tinha interesse pelo lugar desses textos num quadro mais geral de comunicação. Depois passei a prestar atenção ao modo como não só ocupam um espaço, mas o potenciam e ampliam, com um papel muito forte nas práticas de leitura e na partilha de imagens, verdades e comentários sobre a realidade social e política de Portugal e do Brasil dos séculos XVII e XVIII. Entre Gregório de Matos e José Daniel Rodrigues da Costa, passando por muita folha não assinada, os exemplos são numerosos. Entretanto, ainda neste universo, interessei-me pelos saberes que os lunários e almanaques difundiam na mesma altura e aí encontrei um produto, altamente lucrativo e partilhado, onde a atracção pela astrologia e verdades proverbiais está frequentemente associada ao gozo. Os exemplos maiores destas folhas vêm pelo menos desde os tempos de François Rabelais, na França do século XVI, quando se vendem calendários que mantêm as suas características de almanaques, mesmo quando fazem chacota das previsões. Em Portugal, ainda é possível encontrar muitas folhinhas destas para o século XVIII.

COMO O HUMOR PODE SER UMA DIMENSÃO PRIVILEGIADA PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO DAS SOCIEDADES DO PASSADO?

O humor não apresenta uma montra transparente sobre as culturas passadas. Fornece indícios e problemas, mas também muita informação sobre evidências, preconceitos, tipos, comportamentos e formas de relação. O humor mostra um mundo de normas e de relações de poder mais ou menos instáveis, seja quando serve a subversão, seja quando a satiriza. Os textos humorísticos têm, na interrogação das práticas sociais passadas, um lugar paralelo aos relatórios de polícia. Com a diferença

de que podem ser mais violentos e menos literais, mas não menos verdadeiros. O que é risível? Que práticas se reconhecem, e de que se não fala senão através do riso? E depois há a própria prática da troça, dos jogos, alegres ou tristes, associados aos ditos humorísticos.

O virtuosismo da palavra e da construção verbal, como um artesanato cuidado, uma marcenaria fina de sons e de conceitos, a presença dos *topoi*, dos processos de memorização, de repetição e de identificação, os vários graus de exagero, os traços mais grossos ou mais subtis, da ironia ao absurdo, do escabroso ao tétrico. Tanto para compreender a realidade de que fala o humor como para entrar nos seus próprios mecanismos e recursos, o seu maior interesse é também a sua grande dificuldade. Daí falar do humor como fornecendo indícios e problemas. Dependendo de conotações alternativas, de evidências ultrapassadas, de cargas semânticas longínquas, de jogos de sentido que implicavam relações de proximidade perdidas, o humor foge no tempo e desafia as perguntas dos historiadores e dos linguístas. Não há dicionário nem gramática que regule aquilo que só funciona pela surpresa, pela subversão de códigos (mesmo quando se trata de usar essa subversão contra outras subversões, culturais ou sociais). Mas há todo um trabalho de reconstrução, por vezes arqueológica, de intenções e de alvos. Em muitos casos entende-se o alvo sem entender a graça que o tempo desfez. Noutros casos a graça é manifesta, sobretudo quando resulta do absurdo, ou atinge o mais elementar da existência e dos comportamentos humanos. Este exercício de distância e de proximidade é a matriz do trabalho do historiador, com a vantagem de, nos textos humorísticos, nunca se poder tomar nada pelo seu valor facial.

COMO VOCÊ SE RELACIONA COM A MULTIPLICIDADE TEÓRICA NOS ESTUDOS HUMORÍSTICOS? HÁ ALGUMA TEORIA DO HUMOR OU TEÓRICO PREDOMINANTE QUE NORTEIE SUAS PESQUISAS?

Talvez erradamente, nunca me preocupei muito em seguir uma teoria ou um teórico sobre o humor. Para a minha reflexão foram certamente importantes vários autores da história cultural e da história social das ideias, que não reflectiam especificamente sobre o humor, mas que o debatiam. Lembro por exemplo o caso do grande massacre dos gatos contado por Robert Darnton, a propósito da cultura francesa setecentista, caso que teve o grande mérito de suscitar um aceso debate em meados dos anos 80. O que retenho de mais interessante desse debate hoje não é tanto a

susceptibilidade perante as características de um humor francês, mas a tensão entre a necessidade de historicizar, de procurar sentidos num dado tempo, feito de sensibilidades que não sobreviveram, e a tentação de encontrar traços recorrentes, explicações profundas para textos e comportamentos. Esse debate tinha dois pontos de referência evidentes. Um, mais próximo, era uma antropologia histórica muito devedora dos trabalhos e conceitos de Glifford Geertz e da sua "descrição densa", necessariamente relativizada. Outra, mais longínqua, era a noção de grotesco que nos acompanha desde Bakhtine. Essas referências são também as que constituíram os meus pontos de partida, sem nunca os tomar como manuais. Como me interesse pelas dimensões culturais e políticas da comunicação e das concepções que lhe estão associadas, as perguntas sobre o que é pensável e sobre as competências e amplitude de representação que as formas de humor revelam estão sempre no centro das minhas perguntas. O que remete necessariamente para o problema do anacronismo, problema que Lucien Febvre discutiu precisamente tendo como referência o grotesco e a irreverência de Rabelais, ou a questão da transtemporalidade das ideias, como propôs José Esteves Pereira. De resto, as dimensões do humor são tão vastas como as abordagens e metodologias possíveis, inclusivamente as mais trágicas e as mais maçadoras.

COMO O HUMOR TEM SIDO PESQUISADO OU ABORDADO PELOS HISTORIADORES EM SEU PAÍS? COMO SUAS PESQUISAS DIALOGAM COM ESSA PRODUÇÃO E/OU COM AS TENDÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS MAIS AMPLAS?

O humor em Portugal tem sido mais estudado a partir de perspectivas literárias do que históricas. O escárnio medieval, o carnaval vicentino, a retórica barroca ou a verve bocageana foram muito trabalhados em estudos literários e muito pouco em estudos de história cultural ou de história das ideias. Excepção recente é o trabalho de João Pedro Ferreira sobre o humor na imprensa de finais do século XVIII e inícios do XIX. São também excepção tímida os estudos sobre Rafael Bordalo Pinheiro e sobre a charge e a caricatura da transição do século XIX para o século XX. A personagem Zé Povinho foi objecto de vários estudos de João Medina, historiador que também abordou o anedotário salazarista. Mais próximo de nós, António Ventura, que já tinha tratado de formas de humor nos seus estudos sobre imprensa regional oitocentista e novecentista,

teve o mérito de editar e estudar um conjunto de fontes humorísticas portuguesas dos séculos XIX e XX.

Quanto aos trabalhos mais recentes sobre o humor gráfico, a sua divulgação e o seu estudo deve-se a muitos autores interessados em linguagens como as da caricatura e as histórias em quadrinhos. Refiro apenas os nomes de João Paulo Cotrim, de Osvaldo de Sousa e de Rui Zink, neste caso em particular o que escreveu sobre José Vilhena, um autor muito popular em Portugal entre os anos 60 e 80 do século XX. Não se trata propriamente de trabalhos de história, embora sejam essenciais para esta história contemporânea. O meu relacionamento com estes trabalhos é de mera fruição, pois são matérias e linguagens distantes das que estão no centro dos meus interesses. Mas são-me muito proveitosos os estudos literários que referi para os textos da história medieval e moderna, de António José Saraiva a Ana Hatherly, a Graça Videira Lopes e a Daniel Pires, pensando nas dimensões textuais e culturais dos fenómenos humorísticos.

QUAL O PAPEL DO HUMOR NA SOCIEDADE PORTUGUESA?

Se se avaliar o papel do humor pela quantidade e alcance de publicações e espectáculos humorísticos, ou pela vitalidade do anedotário que circula oralmente, podíamos ser tentados a concluir que ele tem vindo a encolher. Não quero projectar esses indicadores para concluir que hoje Portugal é uma sociedade mais triste e cinzenta do que já foi, quando havia muitos jornais satíricos, vários espectáculos teatrais (as chamadas Revistas) em simultâneo, ou quando os filmes de maior sucesso eram comédias ligeiras. É certo que as formas de estímulo e circulação do riso que tinham grande fortuna envelheceram ou morreram mesmo, em papel ou no cinema, e resistem adaptando-se em palcos, ou em programas de rádio ou televisão. Transformaram-se, como em todo o mundo, em memes e blogues, ou em partilhas em redes sociais de pequenos vídeos.

Direi que é difícil fazer um balanço do que se perdeu e se ganhou, neste intervalo, mas essa transformação mostra-nos a vitalidade de formas antigas de fazer humor, ao longo de vários séculos, em processos e suportes que também se foram transformando. Conhecemos, por exemplo, a importância crítica dos teatros de bonecos no século XVIII pela sensibilidade de religiosos que eram ridicularizados nas representações. Penso, por exemplo, nos bonecos de Santo Aleixo, no Alentejo. Esses

bonecos vieram até aos nossos dias, mas certamente não com a força que tinham em comunidades onde os instrumentos de comunicação eram completamente diferentes e, em muitos casos, quase exclusivos.

O QUE VOCÊ PENSA SOBRE O TEMA DOS LIMITES DO HUMOR?

Os limites do humor são, como sempre foram, uma questão política, no duplo sentido em que testam a eficácia de mensagens sobre a sociedade, e a sensibilidade da sociedade a essas mensagens e desafiam também a tentação de combater essas mensagens. Essa tentação tem várias formas, de que a repressão e a censura são os exemplos radicais, como parte da normalidade durante séculos. A recusa da repressão e da censura não significa que a sociedade seja indiferente ao humor, nem que se confunda crítica e censura. Não podendo ser considerada censura, a crítica ao humor é tão empenhada como o humor que se pode criticar. Não penso, pois, que os limites do humor sejam apenas uma questão de autoregulação, de atenção a sensibilidades ou de respeito por diferenças. Os limites são políticos na medida em que tanto a crítica humorística como a crítica à crítica humorística transportam valores culturais e políticos.

Decência e indecência, bom gosto e mau gosto, ou a naturalização ou a violência presente em estereótipos, entre outras, são noções que mudam com os tempos mas que permanecem como distinções. Por isso creio que não se pode limitar administrativamente o que é possível ou inadmissível, mas defendo que se pode e deve criticar as tentativas de humor que vão sendo produzidas sem receio de se ser tomado por censor. A começar por ter de se entender o porquê de certas graças só terem graça a partir da manutenção de preconceitos, e outras pura e simplesmente não se sustentam, como objectos feitos por fracos artesãos. O facto de na Europa e nas Américas se ser muito mais sensível ao direito à diferença e à violência das palavras não significa que se admita a censura. Significa que os limites se movem e que vamos tendo consciência dessa mobilidade, por vezes entrópica, por vezes bisonha, mobilidade essa de que também se pode fazer troça. Recordo o actor italiano Totò para quem "todo o limite tem a sua paciência".

COMO VOCÊ VÊ A PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DO HUMOR APÓS O ADVENTO DA INTERNET, REDES SOCIAIS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL?

Como referi atrás, penso que com os meios de comunicação digital se assiste a mudanças grandes na comunicação em geral, incluindo na produção e circulação do humor. As principais diferenças não residem, na minha opinião, nem no fôlego mais ligeiro das mensagens, ao contrário do que sucede com outro tipo de textos, porque o texto humorístico já era tendencialmente de consumo rápido, nem na maior confusão entre ficção e realidade, que trazia uma longa tradição, seja por via oral, seja na imprensa periódica. Refiro quatro aspectos dessa mudança que me parecem mais claros: um é a diluição de distâncias e, por conseguinte, a maior tensão potencial na partilha de sentidos; um segundo é o cruzamento de linguagens, com uma redução do espaço da graça essencialmente verbal, apesar dos vários exemplos de resistência deste tipo de comicidade; o terceiro é a rapidez e alcance da circulação de graças e a sua correspondente potenciação, mas também o seu esgotamento e substituição; o quarto é uma potencial dependência mais estreita entre cada mensagem e o seu efeito imediato, taxas de aprovação e rejeição e consequente produção tendencialmente condicionada por esse efeito próximo.

Alguns desses processos não são novos, mas estão potenciados numa dimensão que modifica o seu sentido. Mas há contradições que se manterão, como a que subsiste entre a possibilidade de produzir mensagens para públicos mais vastos e diversos e, ao mesmo tempo, criar espaços de auto-satisfação restritiva, suficientemente numerosa para criar a ilusão de grande representatividade e, conseqüentemente, induzir fenómenos de reclusão e ensimesmamento. Ora, a graça convive muito bem com esse umbiguismo que na net se pode multiplicar. Ri-se hoje sem se ter tempo para ler? Já dizia Groucho Marx a propósito de um livro de D.J. Perelman, de 1929: "desatei a rir desde que peguei nele até que o pousei. Um destes dias hei de mesmo chegar a lê-lo".